

Síntese traduzida e adaptada por Annamaria Rangel de: KOLB, Laurence *Psiquiatria clínica moderna*, México, La prensa medica mexicana, 1976, p.53-74.

Desenvolvimento da personalidade

Desde o momento em que óvulo e espermatozóide se fundem até que alcança a maturação, cada organismo passa por um processo de desenvolvimento de sua estrutura biológica. Em qualquer momento desse processo, fatores nocivos podem limitar o crescimento do organismo, produzir deformações ou impedir o funcionamento de um órgão ou de todo o ser vivo. Sabe-se também que o crescimento pode ser limitado pela falta de estimulação apropriada. Em outras palavras, a falta de experiências durante períodos críticos de maturação impede o florescimento completo de um sistema ou de um órgão.

Cada pessoa, portanto, tem uma estrutura anatômica cuja conformação ainda que geral, segundo um modelo da espécie, é única em alguns detalhes. São essa estrutura e seu funcionamento fisiológico que determinam e limitam o desenvolvimento da personalidade. O crescimento do sistema nervoso central estabelece os limites do temperamento e da inteligência. Considera-se que as variações temperamentais, ou seja, as capacidades para uma gama de respostas ativas ante o ambiente, influem sobre a influência que exerce ou não uma mudança no ambiente, e talvez ao mesmo tempo se modificam devido a essa mudança. Essa propriedade especial do sistema nervoso, ou seja, a capacidade de gravar, armazenar e integrar as experiências do organismo e assim produzir as respostas de conduta mais efetivas para a adaptação, possibilita a evolução da personalidade. Assim, conforme passa o tempo, graças a uma série prolongada de experiências sociais, se desenvolvem atitudes, crenças, desejos, valores e pautas de adaptação mais ou menos perduráveis e constantes, que dão ao indivíduo a qualidade de ser único.

A *personalidade* pode ser definida como esse particular conjunto formado pelos modelos de conduta e tendências relativamente permanentes, que são característicos de um indivíduo.

A personalidade se desenvolve a partir de um complicado entrelaçamento de fatores genéticos, ambientais, sociais e emocionais. No seu desenvolvimento há normalmente uma progressão até a maturidade e cada etapa se desenvolve como uma consequência lógica da etapa prévia: trata-se de um crescimento que emerge através de diferentes etapas, cada uma das quais tem suas necessidades e problemas particulares. Se persistirem restos de uma etapa anterior nas etapas subseqüentes, pode haver deformações da personalidade e iniciar-se uma enfermidade psicológica.

ESTRUTURA DA PERSONALIDADE

É conveniente pensar que a personalidade tem partes ou divisões que exercem funções específicas, isto é, que tem uma estrutura. Este conceito facilita a idéia de dinâmica no funcionamento da personalidade. Sem dúvida, não devemos pensar que estas partes são realidades concretas ou entidades que atuam por si mesmas, mas que são grupos de forças e de funções. De modo

geral, segue-se o conceito de estrutura de personalidade proposto por Freud, que postulou três segmentos:

O ID

O id é o nome coletivo que se usa para nomear os impulsos biológicos primitivos. Representa a parte inata da personalidade. São funções do id os impulsos coercitivos que satisfazem as necessidades de ar, alimento, água e outras substâncias nutritivas, a necessidade de manter a temperatura corporal e a integridade física, bem como a necessidade de procriar. Incluem-se no id a tendência à agressão, à raiva e a sexualidade. Junto com estes impulsos instintivos primitivos se encontram os estados aversivos produtores da dor, aflição ou raiva e as necessidades intensas que nas etapas posteriores da vida chamaremos de fome, sede, e sufocação. Se as funções do id se alteram ou se desenvolvem mal, os derivados do id podem emergir até a consciência em forma de fantasias ou podem expressar-se violentamente em forma de conduta efetiva.

O EGO

O ego ou a parte do ser que avalia a realidade, é a parte ou função da personalidade que estabelece uma relação com o mundo em que vivemos. O ego, na realidade, é um grupo de funções, mas para facilitar sua conceituação usaremos uma metáfora. O ego se relaciona com o meio ambiente por meio da percepção consciente, o pensamento, o sentimento e a ação; portanto, é a porção da personalidade que controla o indivíduo de maneira consciente. Contém os aspectos da personalidade que formam avaliações, juízos, soluções, defesas. Podemos ver o ego como a agência integradora e executora da personalidade, já que se encarrega de funções tão importantes como a percepção, a memória, a avaliação e comprovação da realidade, e a síntese da experiência e é o intermediário entre o mundo interior e exterior. Suas funções são relacionar-se de maneira racional com as solicitações da realidade, adaptar a conduta ao meio ambiente e manter harmonia entre as necessidades urgentes do id e as exigências e aspirações do superego.

Para que a personalidade se desenvolva de maneira normal, o ego deve ser capaz de modificar tanto os impulsos coercitivos (impositivos) do id, como as demandas do superego, e assim conseguir uma conduta aceitável sem sacrificar ao extremo as satisfações das necessidades instintivas e emocionais nem os ideais éticos. O ego serve de mediador entre o id e o superego. Os impulsos coercitivos do id exigem satisfação imediata; por isto se diz que estão regidos pelo *princípio do prazer*. Ao contrário, as funções do ego são guiadas pelo *princípio da realidade*. O ego dirige a energia instintiva até canais que, mais tarde, proporcionam o máximo de prazer e satisfação. Seus processos têm lugar principalmente (ainda que não por completo) no nível consciente. Integra os impulsos de maneira construtiva e assim assegura o domínio sobre eles. Diz-se que o ego é forte e sábio, por meio do controle consciente, maneja de forma adequada as causas internas e externas de stress e se, por meio da razão e da prudência, se põe em contato racionalmente com as necessidades da realidade e da sociedade.

O indivíduo com um ego bem desenvolvido e maduro mostra flexibilidade para manejar as diversas causas de stress da vida, sem recorrer a defesas inflexíveis e repetitivas típicas dos sintomas neuróticos ou psicóticos, ou aos defeitos de caráter.

O *desenvolvimento do ego* ocorre graças a uma série de transações entre a criança e seus pais e também com outras pessoas que influem em sua evolução. A finalidade das funções do ego é produzir adaptação psicossocial, não obstante, esta adaptação também requer que evolua uma série de atitudes interpessoais que estabelecem para o indivíduo uma certa consistência em suas relações com os outros; por meio destas atitudes a pessoa acostuma a perceber os outros e funcionar de acordo com eles. Além disso, os outros indivíduos esperam que a pessoa responda socialmente de uma maneira determinada, e isto constitui a identidade do ego para dita pessoa.

Erikson postula a existência de crises psicossociais específicas em cada etapa de interação. A solução de cada crise estabelece as etapas posteriores em sua evolução. Cheia ou isenta de conflitos conforme sua resolução. Durante a fase de lactação se estabelecem as bases para a *confiança ou desconfiança* com os demais. Durante o início da infância são fincadas as bases para a *autonomia ou para a vergonha e dúvida*. Nas fases posteriores da infância inicia a *produção ou a inferioridade*; na adolescência as crises de *formação ou divisão da identidade*.

Também as fases da vida adulta implicam crises especiais. O adulto jovem deve elaborar a questão da *intimidade ou isolamento*; o adulto maior, a questão da *procriação ou absorção em si mesmo*; e o adulto maduro a questão da *integridade versus desesperança*.

O requisito primário do processo transacional para o desenvolvimento da personalidade é aprender atitudes aceitáveis e satisfatórias e ações que controlem e modulem os afetos humanos. Os estados afetivos complexos do homem são a consequência do longo e continuado processo de socialização, que lhe permite desenvolver-se e diferenciar-se de maneira progressiva. Reconhecemos os afetos sintônicos de interesse, entusiasmo e alegria; bem como os distônicos e aversivos que motivam estados de aflição, medo vergonha, culpa, asco, ira, desprezo, tristeza.

Estes afetos, que às vezes produzem motivação e às vezes conflito, com o passar do tempo se estabelecem dentro da personalidade como características do estado de ânimo predominante.

A força equilibradora do ego permite que afluam no indivíduo qualidades como responsabilidade, perseverança, empatia, simpatia, bom humor, capacidade de julgar, flexibilidade e autoconfiança. Os traços complexos se encontram nas pessoas criativas e construtivas, ainda que freqüentemente tais traços possam ser oprimidos por graves defesas patológicas do ego.

O SUPEREGO

O terceiro segmento hipotético da estrutura da personalidade é o *superego*, ou seja, a parte que se conceitua como a que observa e avalia o funcionamento do id, comparando-lhe com um modelo ideal, um ideal que deriva das normas de conduta que se percebem durante anos nos pais, nos professores e outros indivíduos importantes para a criança. O *eu ideal*, ou seja, a imagem internalizada

do que alguém deseja chegar a ser e para a qual convergem os esforços do eu, dá uma direção para as aspirações e as exigências de êxito dentro de cada personalidade.

O conceito de superego teve sua origem na análise que Freud fez das idéias delirantes de ser vigiado. Concebeu então uma porção “observadora” da personalidade.

Por volta dos 4 a 6 anos de idade a criança desenvolve uma sensação de limitação em suas ações, quando se rende à força superior dos pais. Aceita o que eles dizem como absolutos e como se deversem a eles uma obediência total. A criança é incapaz de julgar seus próprios atos ou os de outras pessoas em termos de seu significado social; só julga se estão bem ou mal. Somente quando a criança chega a comparar suas perspectivas com as de outras crianças e adultos durante o jogo, a ação e o pensamento, quando desenvolve as perspectivas diferenciais que lhe permitem um realismo moral menos ligado a seus pais e mais aberto e cooperador. As crianças pequenas respondem só com o moralismo estreito e rígido de seus lares, especialmente quando se sentem inseguros. Conforme descobrem novas imagens da moralidade no jogo com seus semelhantes, com adultos diferentes de seus pais, os valores morais absolutos iniciais das figuras materna e paterna dão passo a uma apreciação mais ampla e mais realista da moralidade nos valores e objetivos sociais e gerais.

O superego deriva em especial da identificação com os pais e seus substitutos, ou seja, com figuras de autoridade que podem castigar ou recompensar. As proibições e as obrigações são internalizadas e se incorporam à estrutura psicológica inconsciente da criança. Mais tarde, os mandatos e as proibições de outras autoridades e das influências culturais são absorvidos e formam parte do superego, que atua como um censor. O superego atua como o supervisor do ego e das tendências interiores inconscientes; portanto, é a parte repressora da personalidade.

Se o princípio do adestramento foi intensamente punitivo, se a criança foi envergonhada e se estes dados nocivos não foram compensados por outras experiências posteriores que ampliem a visão (p. ex. quando a criança simula ser outro tipo de pessoa no jogo com outras crianças), o superego conterá elementos irracionais e ainda sádicos. Pode ameaçar e castigar e assim tratar de manter sua autoridade quando o ego tendo a aceitar impulsos que provém da parte reprimida do id. O superego castiga criando angústia e produzindo remorso e sentimento de culpa. Se o superego é severo e inflexível, o medo de que dele resulta conduzirá a uma personalidade rígida, inibida, infeliz, angustiada e até neurótica. De modo alternativo o superego facilita satisfações prazenteiras quando julga que o funcionamento do ego inclui esforços para alcançar ideais e objetivos e os alcança. Assim, a satisfação se origina num aumento no respeito de si mesmo na integridade pessoal, no orgulho de ter se esforçado ou ter conseguido algo na convicção de que se comportou de forma correta.

EQUILÍBRIO DOS SEGMENTOS

Na pessoa bem adaptada, a conduta satisfaz de forma simultânea e com êxito as exigências do id, do ego e do superego. Por outro lado, a conduta do neurótico, do psicótico e do indivíduo com personalidade patológica, com

desajustes sociais graves e repetidos, pode ser concebida como o resultado de um transtorno nas engrenagens dinâmicas e nos equilíbrios do id, ego e superego.

PERÍODO DE LACTAÇÃO

O nascimento implica uma mudança muito importante no funcionamento fisiológico do feto; se estabelece a respiração, cessa o fluxo sangüíneo umbilical e as comunicações intercardíacas, e inicia a circulação pulmonar. Ao terminar a nutrição transplacentária, começa a ingestão de alimentos, que requer o que lactante forme uma relação com a mãe ou com um substituto materno. A superfície corporal e seus receptores sensoriais que são muito ativos, se encontram subitamente expostos a uma grande variedade de estímulos e os mecanismos homeostáticos do sistema nervoso central têm que estabelecer os meios para proteger o lactante que cresce da excitação excessiva e também assegurar um equilíbrio de água, alimento, oxigenação e regulação da temperatura. O período de mudança fisiológica e adaptação ao meio extrauterino se caracteriza por uma regulação irregular e inconstante das funções corporais e dura de dois a oito semanas depois do nascimento.

Quando o recém nascido está acordado, mostra-se alerta e ativo, ou chora, ou se mantém inativo. Quando está acordado e chora, envia o sinal que estabelece e mantém a relação que necessita com sua mãe, e que lhe proporciona não somente nutrição quando recebe o peito, mas também todos os contatos corporais que estimulam de maneira especial os sistemas cinestésicos e táteis. Estabelece-se assim uma nova relação biológica extrauterina entre o lactente e sua mãe.

Quando o recém nascido está acordado e alerta, durante certos períodos inicia o contato com elementos do meio externo diferentes da mãe, graças ao funcionamento inicial dos órgãos que percebem a distância: olhos e ouvidos.

O grau de respostas varia muito de uma criança a outra, o que indica predisposições temperamentais inclusive no estado neonatal. Estas predisposições, por sua vez, influem na interação com a mãe e na capacidade dos bebês de lidar com o stress.

DEPENDÊNCIA DA MÃE

As relações de objeto, ou seja, as relações com outras pessoas, iniciam com os primeiros cuidados para a satisfação das necessidades de alimento e calor do bebê. As primeiras interações implicam mais do que satisfazer necessidades fisiológicas básicas, já que a criança é estimulada pelo jogo da mãe, pelas carícias, e pelas tentativas da mãe quando tenta receber algumas respostas, por meio de gestos faciais ou signos verbais. Por volta dos 3 ou 4 meses, o bebê responde de forma diferente a diversas pessoas, está em contato com aqueles de quem depende sua vida.

Nas primeiras semanas de vida as respostas aos incômodos imediatos do bebê dominam sua conduta. Exige, por meio do choro, ajuda imediata para aliviar suas tensões. Também nessa etapa notam-se as primeiras indicações de sorriso, especialmente antes de receber alimentos ou durante o sono. Em pouco tempo essa resposta pode ser provocada por sons agudos. Na terceira semana já aparece um sorriso amplo, o que provoca na pessoa que cuida do bebê um esforço para que este se repita. Assim se reforça a resposta do sorriso e se

identifica ainda mais relação materno infantil gratificadora, estimulante e alimentadora. Chorar e sorrir são as primeiras indicações de que o bebê apresenta os afetos de aversão e alegria ou prazer.

Pode-se descrever o bebê como um indivíduo regido pelo “princípio do prazer”, incapaz de postergar suas exigências. Somente após vários anos poderá começar a se reger pelo “princípio da realidade”. Em consequência, pode-se aplicar o nome de *infantil* à persistência, na vida posterior, de estados emocionais que se caracterizam por dependência e atitudes que exigem de maneira urgente satisfações imediatas, sem responsabilidade nem consideração ante outras pessoas, com etapas de raiva quando não se satisfaz a necessidade em questão.

Se os primeiros cuidados são cálidos e permanentes, estabelecem a base para um prolongado sentido de satisfação, segurança e confiança nos demais. Caso não existam, estabelecem-se as raízes para a desconfiança e insegurança.

ETAPA ORAL

Em termos psicanalíticos, o período de lactação é chamado de etapa oral e é concebido como um lapso que progride de uma fase essencialmente “receptiva” a outra “agressiva”. Antes de nascer o feto é alimentado através da corrente sangüínea materna e nunca experimentou o prazer compensador que se obtém ao satisfazer uma necessidade instintiva. Entretanto, com o nascimento surge uma necessidade biológica de alimento, a qual recebe satisfação ao mamar. O fato de mamar não só alivia ao incômodo da fome, como também faz com que, ao surgir outras tensões mais complexas, o bebê recorra ao substituto mais disponível, sugar o polegar. Segundo isto, a boca se torna a parte do corpo na qual se centram os interesses, as sensações e as atividades, e através da qual se obtém satisfações. A segunda fase (entre os 8 e 18 meses de idade) da etapa oral é aquela na qual o prazer de morder se junta ao de mamar; é o período em que surgem os impulsos agressivos.

AUTOEROTISMO. É concebível que a satisfação oral que se obtém na lactação pode ser a primeira manifestação primitiva do que, através de muitas etapas subseqüentes de desenvolvimento, chegará a ser a sexualidade adulta. Nesta etapa, sem dúvida, a busca de prazer se relaciona com a boca e não contém uma relação clara com os genitais, como no adulto. Diz-se que a boca é uma zona erógena pela potencialidade que tem para dar prazer nesta etapa do desenvolvimento psicosexual e que são *autoeróticas* as satisfações que se obtém nessas zonas.

Quando os cuidados psicológicos de quem se ocupa da criança são muito escassos ou inconsistentes, pode-se estimular o autoerotismo em forma de sucção excessiva e prolongada do polegar, constipação ou masturbação excessiva e precoce. Por outro lado, as satisfações emocionais sólidas e normais diminuem o período autoerótico de desenvolvimento e estimulam uma sublimação natural dos impulsos instintivos, o que constitui um progresso saudável nas etapas sucessivas.

INTERAÇÃO ELIMINATIVA: Também nesta fase, de habilidade motora cada vez maior, a interação entre criança e mãe se centraliza no esforço para que ela aprenda a controlar suas atividades de eliminação: a bexiga e o intestino são os centros da interação.

A forma como isto é tratado determina o desenvolvimento de certos traços de personalidade posteriores. Se o controlo é tentado antes da maturação fisiológica e se a criança é castigada por seus fracassos, haverá ira e medo para o progenitor que a controla. Talvez responda com medo para a figura materna ou paterna e gradualmente desenvolva uma mania de limpeza, ordem em tudo, submissão e pontualidade, traços que às vezes recebem o nome de *caráter anal*.

É neste período que começam a se delinear a capacidade para controlar-se a si mesmo, para ter independência pessoal e para ter uma sensação de autonomia e orgulho. Junto surgem os afetos aprendidos de vergonha e nojo, que se incorporam em resposta às atitudes dos pais para as funções excretoras da criança.

Ao usar o termo *sexualidade infantil* Freud nunca atribuiu aos bebês e às crianças o complicado modelo de sexualidade adulta, mas apenas se trata de uma primeira expressão de um desenvolvimento ordenado do aspecto psicosssexual.

As primeiras manifestações da *agressão* também ocorrem nesta etapa. O bebê não é um receptor passivo do leite da mãe. Ao contrário, este é obtido por meio de uma atividade cujo vigor surpreende. Segundo este ponto de vista, a agressão faz sua primeira aparição nos traços da personalidade infantil na forma de energia, aplicação e determinação e é de natureza construtiva.

PERSONALIDADE ORAL: Se o indivíduo continua centrando seu interesse na boca, ainda quando já tenha ultrapassado em muito esta idade, se diz que tem uma personalidade oral. Suas características são egocentrismo, exigências, facilidade para tomar satisfações sem dar nada em troca, e preocupação com atividades da boca, e satisfações e fantasias de ingestão e alimentação.

CONCEITO CORPORAL: Com o decorrer do tempo a criança não só desenvolve percepções corporais que se modificam gradualmente e se estendem ao longo do desenvolvimento, até chegar a coincidir com a estrutura corporal real, mas também adota, para consigo mesma as atitudes de outras pessoas em relação ao seu corpo e suas partes. Talvez desenvolva um conceito corporal satisfatório ou chegue a considerar seu corpo e suas partes como desagradáveis, sujas, vergonhosas ou asquerosas, através do qual reflete a interação que estabeleceu com as figuras paternas e mais tarde com outras pessoas significativas. É útil para o professor distinguir entre *percepções corporais* e *conceitos corporais*. Em teoria, ambos se incluem no termo *imagem corporal*, que é de uso comum e designa a percepção que alguém tem de seu corpo. O eu corporal contém as percepções, os conceitos e os afetos que se relacionam com o corpo. O conceito que a criança forma de seu próprio constituirá uma estrutura nuclear em sua personalidade posterior e, em grande parte, determinará sua capacidade de adaptar-se com êxito ao stress de enfermidades, traumatismos e mudanças físicas.

MOBILIDADE: Conforme se desenvolve, o foco da atenção materna gradualmente muda; além de proporcionar alimento a mãe começa a ajudar o bebê a desenvolver suas capacidade para mover-se que vai amadurecendo; também o ajuda a manipular objetos com suas mãos e mais tarde a caminhar e a falar. A mobilidade parece surgir como um impulso coercitivo autônomo. A sistematização da atividade motora e o domínio cada vez mais intrincado de diversos atos e jogos, são em si mesmos fonte de satisfação e produzem

sentimentos prazerosos. De forma similar, a restrição da atividade motora produz conflito e faz com que desperte a ira. Através de suas atividades motoras, a criança expressa sua necessidade urgente e impulsiva de atuar, necessidade que mais tarde deverá ser controlada para que ela possa participar de maneira efetiva na sociedade. A atividade expressa agressão e sexualidade, e serve como meio de comunicação quando consiste em atos que se imitam, gestos e posturas; está associada a uma gama de estados afetivos que incluem regozijo, ira, angústia, depressão.

A mobilidade também pe um meio pelo qual a criança adquire competência a segurança. As ações exitosas também ajudam ao estabelecimento de conceitos da autonomia, iniciativa e eficiência de si próprio.

No adulto, padrões de mobilidade anormal aparecem como sintomas de um transtorno da personalidade; por exemplo os tics e outras atividades compulsivas, as inibições motoras do histérico, a gesticulação e as posturas do esquizofrênico.

PERÍODO DA INFÂNCIA

Para fazer um estudo e análise descritiva é útil dividir o crescimento em vários períodos. No entanto, estas divisões são arbitrárias e é preciso ter presente que as etapas da maturação se fundem uma na outra de maneira gradual; não há divisões reais. Consideraremos que a infância começa com a capacidade de falar, entre o final do primeiro ano e durante o segundo. Ao mesmo tempo ocorrem os processos da maturação relacionados com o aumento na mobilidade da criança, e também em sua capacidade para eliminar e controlar as excreções, e ao mesmo tempo há uma grande mudança em suas relações interpessoais.

Visto que as primeiras experiências da criança ocorreram no seio da família, suas percepções e interpretações dessas experiências determinarão suas atitudes e avaliações em relação a experiências posteriores, inclusive adultas, que contenham algumas semelhanças aparentes. Esta *transferência* de uma atitude derivada de uma relação pessoal familiar para outras pessoas no mundo externo exercerá influências favoráveis ou desfavoráveis sobre as relações do indivíduo com os demais e sobre suas capacidade para alcanças seus objetivos sociais finais. As atitudes persistentes de ressentimento e hostilidade, quando chegam a formar parte da estrutura da personalidade podem formar, em anos posteriores, as respostas repetitivas do neurótico e o foco em torno do qual se constituem formações reativas que paralisam o indivíduo.

No desenvolvimento da personalidade um fator determinante de grande importância é a modelagem inconsciente da criança que se desenvolve, tomando como base os pais, que se denomina *identificação*. A criança se identifica com os aspectos que percebe da conduta do progenitor, incluindo os que lhe produzem tensão ou prazer, as partes corporais cuja importância se exagera, as ações e as capacidades que, nas fantasias cada vez maiores da criança, provavelmente conferem ao progenitor a força e o poder que ela deseja para si mesma. Se os pais são pessoas emocionalmente maduras, o processo adaptativo da identificação produz um crescimento sadio.

A capacidade cada vez maior da criança de cuidar de si mesma lhe permite agora uma maior relação com outras pessoas (pais, irmãos, amigos, colegas de

creche). Com o aumento dos contatos sociais aparece a necessidade de compartilhar e, nas experiências com os outros, se desenvolvem emoções como os ciúmes, a raiva, a inveja e a culpa. A maior atividade proporciona à criança oportunidade de exercitar suas tendências exploradoras, sua curiosidade e sua iniciativa para resolver problemas simples. Começam a apreciar as diferenças entre os sexos e se estabelecem os fundamentos da identificação sexual final.

Esses contatos com outras pessoas resultam em brigas, rivalidades competitivas que primeiro estimulam sonhos que satisfazem desejos e fantasias de força avassaladora e grandes satisfações, ou mais tarde provocam medo às represálias, feridas e ataques provenientes dos outros.

Junto com a iniciativa e o desejo de esforçar-se e junto ao surgimento das emoções de ciúmes, raiva e ira, emerge também o superego, ou seja, a *consciência*.

Para a escola psicanalítica, este período representa a *etapa fálica*. Chamou-se a atenção para a teoria de que ao redor de um ano de idade a fonte do prazer muda da região oral para a anal. De forma similar, ao redor dos três anos de idade aparece outra etapa no desenvolvimento do interesse prazeroso, com uma mudança da região anal para a região genital. Esta fase vai até cerca dos 7 anos. Quando aparece, a criança se interessa na diferença que há entre os sexos e nota o tamanho e a presença ou ausência do órgão fálico. Há uma predominância de sensações genitais e a masturbação pode se tornar uma fonte de prazer psicosssexual. O interesse não é sexual no sentido adulto do termo. O que acontece é que o menino se dá conta de que seu pênis é importante e lhe dá uma atenção narcisista. A menina se dá conta que não tem pênis e crê que o tinha, mas que o perdeu. Sente por isto inferioridade e ciúmes. Diz-se que as etapas oral, anal e fálicas do desenvolvimento da libido são etapas pré-genitais.

COMPLEXO DE ÉDIPPO: Durante a etapa fálica e de maneira contínua até o quinto ou sexto ano de idade, existe um período de atração para o progenitor do sexo oposto, acompanhado de ciúmes, rivalidade e hostilidade para o progenitor do mesmo sexo. Freud deu o nome de *complexo de Édipo* à situação que surge entre o pai, a mãe e a criança. Diferentes antropólogos rechaçam a universalidade do complexo de Édipo. Entretanto, em geral se aceita que dito complexo é um traço psicológico basicamente correto de nossa própria cultura.

Alguns sugerem que a reação de Édipo está determinada pela conduta dos pais, não pela da criança. Certamente, é freqüente que os pais sejam mais severos com seus filhos e mais indulgentes com suas filhas. O psiquiatra observa de maneira constante que as mães freqüentemente invertem essa relação. Em qualquer dos casos, a consequência natural é a rivalidade e a hostilidade que se associam com a reação de Édipo. Outros vêem o período de Édipo como um termo metafórico apropriado e expressivo, que designa a fase de desenvolvimento da personalidade na qual a criança sente a expressa hostilidade contra um dos pais, por causa das frustrações que experimentou.

No estado normal, esta relação potencialmente patogênica, se resolve pelos mecanismos de identificação, por meio dos quais o menino se identifica com seu pai e incorpora as metas e as normas do pai ao seu próprio modelo de conduta. De forma similar, a menina se identifica com sua mãe, avança para uma

maturidade emocional normal e encontra compensação e segurança num papel feminino.

Com frequência se aceita, partindo da observação clínica, que quando o complexo de Édipo se resolve de maneira inadequada, o indivíduo pode introjetar algumas das características do progenitor do sexo oposto; como resultado disto há um impedimento do desenvolvimento de relações “normais” com pessoas do sexo oposto. Como exemplos freqüentes pode-se citar: filho adulto que vive com uma mãe viúva e é indiferente às mulheres de sua idade, ou o jovem que se enamora de uma mulher muito mais velha que lhe parece, em algum aspecto à sua mãe.

PERÍODO DE CONTATOS SOCIAIS

Em nossa cultura ocidental, a última parte da infância, ou seja o período dos 6 ou 7 anos até os 12, é o lapso no qual a criança estabelece contato social com pessoas fora da família. A influência dos professores como figuras autoritárias fora do lar, dos companheiros de jogos maiores e menores de idade, e de outras parentes e amigos, proporciona oportunidades importantes para novas identificações e distinções que aquietam, modificam ou intensificam as pautas de reação e de conduta que se estabeleceram em família, e também proporcionam oportunidades para que a criança adquira novas habilidades e novas formas de funcionar na sociedade. A criança está ansiosa para fazer coisas e tem a oportunidade de aprender hábitos de dedicação. No entanto, se não consegue adquirir as pautas comuns, e, portanto, não se mantém ao nível de seus semelhantes na escola e no jogo, se instale nele um sentimento de inferioridade. Seus jogos o permitem de sentir o prazer de dominar uma tarefa e às vezes o do prestígio que acompanha o êxito. Através do jogo social, a criança tem a oportunidade de aprender a dominar sua alegria ante o triunfo e sua frustração e raiva ante o fracasso. O jogo em grupos permite o desenvolvimento gradual e a satisfação na companhia de outros indivíduos e no fato de compartilhar os problemas. Esta fase trás consigo outras pautas de comportamento em grupo, ou seja, molestar os outros, desdenhar, ostracismo. Se o jovem sofre a consequência das ações de seu grupo é possível que suas respostas aprofundem as reações da personalidade já existentes durante as frustrações do lar.

Nesta etapa da vida da criança, a curiosidade sexual é limitada. Este período é conhecido como período de latência no desenvolvimento psicosssexual, segundo a escola psicanalítica. Ainda que os interesses e as atividades sexuais não desapareçam, não há mudanças psicosssexuais tão importantes e notáveis como nos períodos precedentes e seguintes. Sem dúvida a criança se identifica mais com o progenitor do mesmo sexo e se inicia uma diferenciação maior entre os traços femininos e masculinos. Portanto, nesta etapa é importante que haja uma associação estreita satisfatória com o progenitor ou alguma outra pessoa do mesmo sexo, com quem a criança possa se identificar ao estabelecer sua masculinidade ou feminilidade. É notável como neste período a criança adquire adestramento no que respeita a costumes e atitudes da sociedade. Há um desenvolvimento progressivo do ego como resultado do crescimento, por um lado, e da educação e da experiência de outro. É um período durante o qual se formam os ideais. A criança está exposta a pressões sociais mais complicadas; as oportunidades ambientais também têm um papel importante na direção que

tomam os interesses e as capacidades do indivíduo. Na última parte do período de latência, uma das motivações que adquirem mais força é o desejo de ser importante. Neste período deve-se conseguir o controle interior dos impulsos agressivos-destrutivos.

PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

Quando aumentam as relações de grupo, o jovem freqüentemente desenvolve um interesse intenso por outro, habitualmente de seu mesmo sexo. Este interesse se estende ao grau de levar em conta os sentimentos e as sensibilidades do amigo. Representa os primeiros esforços em direção aos contatos íntimos que ocorrem na idade adulta. O interesse no amigo inclui satisfazer seus desejos e emocionar-se e interessar-se por seus êxitos e fracassos. Quando os grupos de jovens se juntam, começam a aprender os papéis de líder ou de seguidor. Essas interações sociais proporcionam satisfação e segurança ao jovem que está crescendo.

A adolescência em si aparece com a puberdade, com seu rápido desenvolvimento fisiológico dos órgãos sexuais. A maturação das capacidades sexual e reprodutiva estimula os interesses e as atividades genitais e heterossexuais na etapa genital do desenvolvimento psicosssexual. A sexualidade já não está difusa em todo o corpo como nas fases pré-genitais do desenvolvimento da personalidade, mas se circunscreve aos órgãos genitais. A área sexual é só um aspecto da personalidade em que há um impulso para a maturação.

O adolescente se preocupa agora com sua aparência ante os outros e ante si mesmo. Está em busca da *identidade pessoal*, de um sentido para si. Posto que se encontra em meio caminho entra a independência pessoal e o continuar da dependência dos pais, empreende muitos atos de conduta emancipadora; entre estas, o esforço para estabelecer uma identidade sexual leva o jovem a buscar reforço com homens ou jovens maiores que idealiza; a jovem, por seu lado, encontra fontes similares para sua feminilidade cada vez maior. As atitudes excessivamente agressivas ou competitivas, as poses exibicionistas ou o tomar parte em atos cínicos e antissociais, talvez representem estas lutas para conseguir uma independência masculina em relação à autoridade do lar. Neste momento o indivíduo habitualmente começa a buscar membros do sexo oposto; começa a cortejar como uma preparação para a intimidade e casamento, e estes novos interesses do adolescente eliminam as amizades mais juvenis e fazem que o indivíduo volte a viver experiências de separação que ocorreram em seus primeiros anos, e também a tristeza, os ciúmes e o ódio que se originaram no complexo de Édipo. Junto com seu impulso coercitivo sexual, o adolescente desenvolve uma vida de fantasias, na qual se cumprem todos os seus desejos, mas ao mesmo tempo está em conflito entre estes e as proibições familiares e sociais.

Em certo momento o adolescente tem que se comprometer e escolher uma relação íntima com outra pessoa; tem que decidir qual será sua ocupação e ao mesmo tempo tem que manter impulsos competitivos persistentes e enérgicos. Se o adolescente não se compromete na área interpessoal, se expõe a uma

sensação de isolamento ou então ocupa todo seu tempo com uma multiplicidade de relações sexuais de tipo diverso, ou se liga a outros de uma maneira que anula sua própria individualidade. Talvez trate de manter a ilusão de que segue sendo jovem e recuse a crer que o passar do tempo afetará suas decisões ou sua capacidade para encontrar oportunidades produtivas, que o permitam adquirir determinadas habilidades, Talvez desenvolva medo à atividade competitiva e se sinta incomodado ante à menor competência. Alguns adolescentes escolhem uma *identidade negativa*, que se fundamenta na fascinação e na suposta força das figuras mais indesejáveis e perigosas que lhe aparecem como modelos para que se identifique.

Posto que as crises às quais o adolescente está exposto são tão variadas e tão intensas, não surpreende que os transtornos da personalidade sejam comuns neste período.

IDADE ADULTA E MATURIDADE

Ainda que legalmente se reconheça a idade adulta cronológica como um sinal de maturidade, isto não é garantia de crescimento emocional do indivíduo. O adulto maduro é uma pessoa que já desenvolveu uma identidade pessoal clara, que se mostra na capacidade para estabelecer uma relação íntima, satisfatória e amorosa com outra pessoa, igualmente madura, e com capacidade de assumir por si mesmo a responsabilidade de educar aos filhos e ajudar em seu desenvolvimento. O indivíduo maduro é capaz de assumir responsabilidades pessoais quando é necessário e também de aceitar as decisões de outras pessoas com autoridade competente a respeito do bem-estar geral; persegue de forma independente seus próprios objetivos, reconhece suas limitações e está disposto a buscar conselho de outros quando necessita; é capaz de manter e desfrutar suas relações pessoais com outros, e com uma tolerância compreensiva aceita em certo grau as deficiências dos demais. O adulto sadio se encontra absorto e satisfeito nos êxitos que se relacionam com sua família, e sua vocação e seus passatempos e não em atos de autoritarismo pessoal. Funciona bem no lar e no trabalho já que desenvolve relações satisfatórias com outros e se encontra em geral livre de sintomas de enfermidade.

PROBLEMAS DA MATURIDADE

Geralmente giram em torno da escolha da vocação e da pessoa com a qual irá se casar, seguido de progressos na vocação que implicam em posição de autoridade e mais tarde com separação e morte.